

# SENSIBILIZAÇÃO E PERCEPÇÃO DE MUNDO PARA A SUSTENTABILIDADE

Mariana Ferreira Cisotto [1]



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

**Palavras-chave:** Sustentabilidade. Percepção. Pensamento Sistêmico. Crise. Relação Homem/Natureza. Geografia.

## PERCEPÇÃO DE MUNDO: A RAIZ DO PROBLEMA

O presente texto traz uma reflexão sobre o significado e a possibilidade de implementação da sustentabilidade, por meio do resgate de como se conformou o modelo de pensamento atual, trazendo suas limitações e a possibilidade de outras formas de pensamento e ação que auxiliariam no momento de crise atual.

A forma de entender, o modo de ver e compreender o mundo são definidos no espaço-tempo e dependem das concepções criadas pelos homens. Para os homens primitivos, a distinção entre homem e natureza não existia, o homem vivia em completa interação com tudo que estava à sua volta e não se percebia como nada diferente. Esse homem era como qualquer outro elemento do meio natural, apenas outra espécie de mamífero, não havia o desejo de apropriação e dominação da natureza, pois, homem e natureza compunham um único corpo. Antes de 1500, a visão do mundo dominante na maioria das civilizações, era orgânica, significando que havia, por um lado, uma interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e, por outro, a subordinação das necessidades individuais às da comunidade. A vida desenvolvia-se em harmonia com a ordem natural (CAPRA, 1981).

No entanto, houve o desenvolvimento do pensamento humano trazendo grandes alterações na forma de ver a natureza, que passa a ser reconhecida como

algo distinto ao homem, novos valores são agregados à realidade humana. A visão antropocêntrica dos antigos gregos, Platão, Pitágoras, Sócrates, por exemplo, concebiam a natureza como morada do homem ou como campo de seu domínio. Influências dessa visão existem até os dias de hoje, na ciência moderna que define a natureza em relação ao homem. A Filosofia grega, de acordo com o modelo do filósofo grego Aristóteles, principal sistematizadores do pensamento dos antigos gregos auxilia na disjunção entre o natural e o social, criando uma natureza orgânica e imóvel. Posteriormente Galileu Galilei combinou a linguagem matemática com a experimentação científica, e o homem deixou de analisar a natureza em uma busca desinteressada e passou a afirmá-la como uma máquina. A evidência de que esse foi apenas um caminho trilhado, possibilita maior criticidade e promove uma abertura para um caminho alternativo. Com a consciência plena, por exemplo, no Renascimento, assistiu-se a uma mudança no modelo de concepção da natureza, onde se passou de um padrão qualitativo para um quantitativo, uma ampliação da matematização do mundo. A ciência e tecnologia baseiam-se no modelo seiscentista e mecanicista do universo e com a excessiva ênfase dada ao pensamento linear, essa atitude produziu uma tecnologia em que o habitat natural, orgânico, de seres humanos complexos é substituído por um meio ambiente simplificado, sintético e pré-fabricado (CAPRA, 1981). Na ciência do século XVII, acreditava-se que os fenômenos complexos podiam ser sempre entendidos desde que se isolassem suas partes. Esse reducionismo moldou nossa forma de pensar. Apreendemos a isolar e nos limitar a olhares pontuais.

A grande questão é que a filosofia que há séculos domina a ciência (o materialismo físico) postula que o mundo é material e que todas as coisas são constituídas por átomos. O desenvolvimento do materialismo e a distinção entre matéria e mente influenciou negativamente o desenvolvimento da filosofia, pois com ele, o universo se tornou mecânico, vazio e sem significado espiritual. Essa foi uma suposição na raiz da ciência, que servindo como base hipotética, se tornou verdade.

O resgate da produção do conhecimento científico é de grande valia, pois,

nos dá elementos para compreender as limitações de nosso pensamento e soma significados ao que temos como um padrão de comportamento.

Sendo a única realidade a material, a consciência seria apenas um “epifenômeno anômalo”, um fenômeno secundário. Porém, “... a consciência é uma entidade causal que dá significado à existência” (GOSWAMI,1998, p.26), com um pensamento materialista a nossa existência não tem significado. Nos libertarmos desse modelo de pensamento linear, que pode ser dito bastante egoísta, deve ser almejado pois, como coloca Humberto Mariotti, o ego não sabe lidar com o aqui e agora, precisa se dividir, não sabe lidar com a totalidade. Estamos presos nesse paradigma, pois, nos apegamos à tradição (que talvez possamos chamar de cultura), que molda as formas de relacionamento, afastando-nos de nosso comportamento natural e consciente. E em decorrência desse padrão de comportamento vivemos em semi-consciência, precisaríamos de uma atenção profunda, da auto-atenção, deixando valores, juízos, crenças de lado e promover uma criticidade em nossos padrões de comportamento. (MARIOTTI, 2000)

É consenso dizermos que vivemos atualmente a crise ambiental, política, econômica e essa crise também é de comportamento e de consciência. A crise se relaciona também à possibilidade de extinção da raça humana e de toda a vida no planeta e tal potencialidade é dada pela evolução da técnica como a de armamentos nucleares e também dos níveis de degradação dos recursos naturais. (CAPRA, 1981) É nesse processo de intensas transformações, onde surge o conceito de sustentabilidade, que nesse contexto pode ser compreendido como sobrevivência, como manutenção da vida.

A crise é justamente a falta de parâmetros para pensar outra forma de vida, por isso é um momento de mudança de paradigma (CAPRA, 1981), de desconstrução da cultura proporcionada pelos grandes cientistas citados acima que nos ensinaram a concepção do universo como um sistema mecânico e a crença do progresso material ilimitado, alcançado através do crescimento econômico e

tecnológico (CAPRA, 1981).

A proposta que se coloca é parar e reverter o processo, pararmos em um ponto crítico e repensarmos. Fritjof Capra propõe o ponto de mutação, onde há transformação cultural em grande magnitude, por meio do reexame de nossas premissas, valores, postura, uma mudança de mentalidade, e como consequência teremos alterações nas relações sociais e nas formas de organização social. Nesse momento, se faz necessária a transição de um pensamento linear para um pensamento complexo, com o mundo sendo percebido como a junção das partes, atuando como um conjunto fundido e harmonioso, em uma rede de relações que incluem a natureza, o homem e sua consciência, sua maneira particular de ver, com base em uma teoria sistêmica.

## **O PENSAMENTO SISTÊMICO: UMA POSSIBILIDADE**

O pensamento sistêmico é teoria, ou filosofia, que traz uma forma de abordagem que compreende o desenvolvimento humano sobre a perspectiva da complexidade. Para percebê-lo, a abordagem sistêmica lança seu olhar não somente para o indivíduo isoladamente, mas considera também seu contexto e as relações estabelecidas propondo a percepção do mundo como um todo indissociável e por uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento. Esse pensamento contrapõe-se a lei da causalidade, a linearidade e ao reducionismo (a nossa raiz do problema) por abordar os fenômenos como totalidade orgânica.

Segundo a teoria dos sistemas, o ambiente humano é todo constituído de “pequenos todos, de partículas individuais, um campo de forças múltiplas, que se apóiam e harmonizam, ou se antagonizam e conflitam, dando origem ao complexo vibratório dos grupos humanos” (MORAIS, 1993: 31). Segundo esse pensamento, tudo está conectado, nada está isolado. A parte está no todo e o todo está na parte e essa forma de pensar nos permite uma visão mais abrangente, de completude de

nos faz sentir maior responsabilidade pela noção do encadeamento do todo.

Um sistema é uma rede de processos onde as partes produzidas geram com suas interações a mesma rede de partes que as produziu. Um sistema também pode ser definido como um conjunto de elementos interdependentes que interagem com objetivos comuns formando um todo, e onde cada um dos elementos componentes comporta-se, por sua vez, como um sistema cujo resultado é maior do que o resultado que as unidades poderiam ter se funcionassem independentemente. Qualquer conjunto de partes unidas entre si pode ser considerado um sistema, desde que as relações entre as partes e o comportamento do todo sejam o foco de atenção. (MORIN, 2001)

O termo *autopoiese*, (do grego *auto* "próprio", *poiesis* "criação") criado para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios organicamente, ajuda a compreensão de nossa ação sistêmica quando extrapolamos uma exemplificação do conceito para a sociedade. A conservação da autopoiese e da adaptação de um ser vivo ao seu meio são condições sistêmicas para a vida. Portanto, um sistema vivo, como sistema autônomo está constantemente se autoproduzindo, autorregulando, e sempre mantendo interações com o meio, onde este apenas desencadeia no ser vivo mudanças determinadas em sua própria estrutura, e não por elementos externos. A mudança é interna.

Se agirmos com consciência, nos perguntando o que fazemos por nós, por outros e por quê, a dinâmica social surgirá espontaneamente e aparecerá no sistema quando o que surge não dá conta e queremos mudá-lo. O que nos surge se vai dando espontaneamente, surgem os fatores, nós desencadeamos em nós o desejo de fazer algo distinto o que implica em mudar a convivência com o outro (MATURANA, 2004).

Sustentabilidade é desenvolvimento, no sentido de “desenvolvimento como aquele que cria condições para a produção do ser humano em sua integridade”

(MENDES, 2003: 54), que inclua o desenvolvimento econômico e material em um nível que permita acesso equitativo a todos os seres. A produção do ser humano em sua integridade é “permitir que ele alcance o livre desenvolvimento de sua personalidade” (MENDES, 2003: 58) e tenha suas necessidades básicas supridas para sua evolução espiritual, sua re-ligação com a natureza e sua natureza em essência. Podemos nomear de desenvolvimento sustentável, ou sustentabilidade um desenvolvimento que não tenha apenas o crescimento econômico como condição única, mas que se oriente por objetivos sociais, éticos, de respeito e responsabilidade. Sendo uma sustentabilidade multidimensional, social, econômica, ecológica, espacial e cultural (SACHS, 2007). Para tanto, é essencial a compreensão de que todos os problemas são apenas facetas diferentes de uma só crise, eles são sistêmicos, intimamente interligados e são interdependentes (CAPRA, 1981).

## **ESCALA DA AÇÃO: INDIVIDUAL/COLETIVA**

Como coloca Régis de Moraes, “a sociedade funciona como a ação formativa da consciência individual” nós formamos o que é o mundo, nós somos a sociedade e nunca estamos sozinhos. Somos conectados, interdependentes, influentes e influenciados. Somos elemento do que chamamos de sociedade (MORAIS, 1993) e, como exemplo, podemos citar as influências de um indivíduo sobre a sociedade ou da educação sobre o aprendiz.

Como dito anteriormente, somos responsáveis pela reprodução de um modelo de pensamento, de uma cultura, portanto se aspiramos alguma transformação, devemos ser críticos a nós mesmos. Sabemos que “a sociedade produz o indivíduo, que também produz a sociedade, sendo que esta retroage sobre os indivíduos por meio de linguagens, cultura, hábitos e crenças” (MORIN, 2001: 108).

Para fomentar essas preocupações nas pessoas, a transformação deve ser

em outra escala, na interior, por meio, do auto-conhecimento que é também um conhecimento do mundo, e de si próprio, que trará a noção do funcionamento, da lógica do mundo. (MARIOTTI, 2000). E para mobilização desses questionamentos obviamente precisamos de educação.

O que se requer nesse momento é a mudança na forma de percepção, temos necessidade de auto-superação de valores e conhecimentos e de nós mesmos “a vida é uma aprendizagem que requer modificações estruturais” (MARIOTTI, 2000). Será à partir da ação com consciência, com sentido, utilizando o nosso tempo com o que realmente importa que mobilizará os indivíduos a ação que promova a sustentabilidade. Nós indivíduos, somos produtos de um sistema de reprodução de várias eras, mas esse sistema só pode se reproduzir por nós, ele é produzido e mantido por pessoas. As ações de cada indivíduo devem ser regidas por sua dimensão ética, que se relaciona ao sentido que damos às nossas vidas, ao que nos impulsiona, nos mobiliza e inspira nossas ações. Essa ética não é imposta culturalmente, mas reflete as escolhas, percepções, valores e ideais. A sustentabilidade virá da ação ética, com responsabilidade para que a transformação seja geral. A ética que tratamos aqui é a ética em nossa essência (talvez um humanismo intrínseco) que independe de regras impostas culturalmente. E que são internas, são escolhas individuais que se pensadas com responsabilidade, solidariedade e consciência farão um mundo sustentável, justo e harmônico.

## REFERÊNCIAS

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1981.

GOSWAMI, A. A integração entre ciência e espiritualidade, In: GOSWAMI, A. **O universo autoconsciente como a consciência cria o mundo material**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1998.

MARIOTTI, H. **As paixões do ego**: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MATURANA, H. e DÁVILA, X. P. Conferência: “Ética e desenvolvimento sustentável: caminhos para a construção de uma nova sociedade”, **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, 16, n.2, set/dez.2004, p. 102-110.

MENDES, A. D. Envolvimento e desenvolvimento: introdução à simpatia de todas as coisas. In: CAVALCANTI, C. (org.) **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. 4ª edição. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

MORAIS, J. F. R. de. **Ecologia da mente**. Campinas: Psy, 1993.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI, In: VIEIRA, P. F. (org). **Rumo à socioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007, p.174-200.

---

## AGRADECIMENTOS

Agradeço financiamento concedido pela FAPESP e as aulas do Prof. Dr. Antônio Carlos Vitte (Orientador) e a Prof. Dr. Rachel Negrão Cavalcanti, que inspiraram esses escritos.

---

## Informações sobre a autora:

[1] Mariana Ferreira Cisotto – <http://lattes.cnpq.br/6468550871175939>  
Mestranda em Geografia, DGEO-IGE-UNICAMP; Bolsista Fapesp, 2008/02285-4  
**Contato:** [maricisotto@yahoo.com.br](mailto:maricisotto@yahoo.com.br)